

Relato 4 – Metodologias de Ensino Observadas: Quadro, Giz e Além?

Durante o Estágio II, prestei atenção especial às metodologias utilizadas pela professora regente nas aulas de Química. Uma das primeiras coisas que notei foi a regularidade com que ela segue uma mesma estrutura: chega à sala com os tópicos definidos, escreve no quadro os pontos principais, pede que os alunos copiem e, em seguida, faz a exposição oral do conteúdo. Eventualmente, ela entrega folhas de exercícios — normalmente compostas por questões de provas anteriores de vestibulares técnicos, como o processo seletivo do IFF.

O método é direto, sem rodeios, o que se justifica em parte pela limitação do tempo: cada turma tem apenas dois períodos de 50 minutos por semana. Em função disso, a professora costuma priorizar a objetividade, buscando “dar conta” do plano de ação que recebe previamente da coordenação. Com tantas turmas sob sua responsabilidade — do 9º ano do ensino fundamental ao 3º do médio, incluindo dependência e aceleração —, é compreensível que ela adote uma metodologia que domine e que já tem sistematizada.

Contudo, a abordagem permanece bastante tradicional. Não observei o uso de recursos multimídia, experimentações, práticas investigativas ou metodologias ativas. Os alunos, em geral, são pouco instigados a refletir, debater ou aplicar os conceitos em contextos próximos de sua realidade. O conteúdo é tratado como algo a ser absorvido e reproduzido, com poucas oportunidades para uma aprendizagem significativa ou interdisciplinar.

Essa ausência de diversidade metodológica não decorre apenas da escolha da professora, mas também das limitações do próprio ambiente escolar. A escola não oferece suporte estruturado para metodologias diferenciadas. Não há uma política clara de incentivo ao uso de novas estratégias, nem materiais didáticos que favoreçam uma abordagem mais investigativa ou contextualizada. Os próprios livros chegaram tardiamente para os alunos. Isso tudo influencia diretamente a maneira como as aulas são conduzidas.

Mesmo assim, percebo que a professora se esforça para manter a aula fluindo. Ela conhece bem o conteúdo, fala com segurança, e quando precisa, assume o comando da sala com firmeza. Em alguns momentos, tenta introduzir elementos que fogem um pouco da rotina, como pequenos textos em avaliações, ou a adaptação de provas para alunos acompanhados por mediadores. No entanto, essas práticas ainda são pontuais.

O que aprendi, ao observar essa realidade, é que a metodologia de ensino está diretamente ligada não só à formação e às escolhas do professor, mas também às condições de trabalho, ao suporte institucional e às demandas específicas de cada turma. Não basta querer inovar — é preciso ter estrutura, tempo e apoio para isso. E mesmo diante dessas limitações, é possível reconhecer o esforço docente em garantir o mínimo de continuidade, clareza e acompanhamento do processo de aprendizagem.